

# A ÉTICA AMEFRICANA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA DA LITERATURA AFRO-LATINO-AMERICANA: POSSÍVEIS INCURSÕES DA CRÍTICA E HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA PARA O SÉCULO XXI

Rogério Mendes<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, RN, Brasil

**Resumo:** O presente artigo discute a ausência das contribuições afrodescendentes para o processo de formação da literatura hispano-americana pela historiografia, crítica literária e curricularização escolar. Atribui-se ao fato a predominância dos referentes civilizacionais eurocêntricos na América Latina em virtude das relações coloniais no continente. Reflexo no propósito que releva a motivação das Epistemologias do Sul, ao aproximar os fundamentos tradicionais e sapienciais que aproximam África e América, bem como reflexões do Coletivo Decolonial (Mignolo, 2020), no propósito de (re)pensar os desdobramentos históricos, políticos e sociais da relação entre a Modernidade e Colonialidade para a América Latina, dentro do que propôs o conceito Cidade Letrada (Rama, 1985), o estudo destaca a importância e a centralidade do patrimônio ancestral e a produção crítica da epistemologia afrodescendente independente, no intuito de melhor visibilizar a contribuição cultural e intelectual africana e afrodescendente no processo de formação do pensamento fundamental e crítico latino-americano.

**Palavras-chave:** Literatura hispano-americana; Afrodescendência; Pensamento Crítico.

**Title:** Amefrican ethics as a pedagogical practice of afro-latin american literature: possible incursions of literary criticism and historiography for the 21st century

**Abstract:** This paper discusses the absence of Afrodescendent contributions to the formation process of Hispanic American literature by historiography, literary criticism and school curriculum. The predominance of Eurocentric civilizational referents in Latin America is attributed to this fact due to colonial relations on the continent. Reflection on the purpose that highlights the motivation of the Epistemologies of the South, by approaching the traditional and sapiencial foundations that bring Africa and America together, as well as reflections of the Decolonial Collective (Mignolo, 2020), with the purpose of (re)thinking the historical, political, and social developments of the relationship between Modernity and Coloniality for Latin America, the study points out the importance and centrality of ancestral heritage and critical production of genuine and independent Afrodescendent epistemology in order to better visualize the African and Afrodescendent cultural and intellectual contribution to the process of formation of Latin America's fundamental and critical thinking.

**Keywords:** Hispanic American literature; Afrodescendence; Critical Thinking.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria da Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/PPGL) e professor associado do curso Licenciatura Letras Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/FELCS) e professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/PPGL). Coordenador do grupo de pesquisa Outras Literaturas Hispânicas (UFRN/CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5296-7588>. E-mail: [rogerio.mendes.coelho@ufrn.br](mailto:rogerio.mendes.coelho@ufrn.br).

### Introdução. Por que a Pedagogia da *Cimarronaje*?

Ao longo de aproximadamente cinco séculos, os valores preconizados pela Modernidade promoveram a consciência e a atuação cêntrica do Eu; na segunda metade do século XX, os Estudos Culturais e Pós-Coloniais sugeriram pertinência da inclusão do Outro como ajuste nos projetos críticos e criativos identificados a partir de políticas hegemônicas; já nos dias atuais, no século XXI, julga-se cada vez mais importante considerar articulações críticas que protagonizem a responsabilidade e a promoção de ações que visem a protagonizar o Nós. No entanto, para isso, seria necessário relevar os sujeitos que não tiveram representatividade no processo de desenvolvimento social, político e cultural nas sociedades periféricas e, de maneira mais específica, a literatura afrodescendente no contexto latino-americano.

Trata-se de uma mudança paradigmática importante porque promove reflexões sobre a relação que passaremos a ter entre Linguagem, Cultura e Educação no século XXI. Isso implica investimentos sobre as possíveis maneiras de educar e sermos educados pela linguagem. Logo, estabelecer novos parâmetros e consciência sobre representar e mediar relações de significado com o mundo torna-se uma ação responsável importante. Naturalmente, instável como investimentos estruturais a serem considerados sobre a Literatura. A revisão de estratégias críticas e didáticas sobre a composição curricular nos níveis básicos e superiores da Educação; a recepção e o papel da Crítica Literária; o entendimento e a reatualização da Historiografia Literária e do Mercado Editorial precisam ser feitos haja vista a necessidade da inclusão de novos valores e sujeitos. Onde está o reconhecimento das contribuições africanas e afrodescendentes no processo de formação das sociedades e literaturas latino-americanas? Como compreendê-las?

O questionamento reflete a exaustão de um sistema que se organiza a partir de valores cêntricos alinhados a partir da trajetória civilizacional do Ocidente, identificada como Modernidade, ou, ainda, como o que Aníbal Quijano (1997) reconheceu como Colonialidade do Poder<sup>2</sup>. A necessidade de questionar tradições culturais colonizadoras do Ocidente nas Américas, de reconhecer, resgatar e integrar as virtudes das culturas colonizadas africanas/afrodescendentes, além de estimular a produção de epistemologias representativas, parece dispor as bases de um outro sentir-mundo. Aproximar-se de saberes outros, pretos, periféricos, marginalizados; considerá-los essenciais na constituição do complexo mosaico das humanidades latino-americanas apresenta-se como avanço que não

---

<sup>2</sup> Segundo Aníbal Quijano (1997), a Colonialidade do Poder poderia ter origem identificada tanto na Grécia quanto na consolidação do capitalismo na Europa entre os séculos XV e XVIII e implicaria e constituiria-se estruturalmente pela: (1) classificação e reclassificação da população do planeta – o conceito de “cultura” torna-se crucial para essa tarefa de classificar e reclassificar; (2) uma estrutura funcional/institucional para articular e administrar tais classificações – aparato do Estado, Universidades, Igrejas etc.; (3) uma (re)definição de espaços adequados para esses objetivos; e (4) uma perspectiva para articular o sentido e o perfil da nova matriz de poder e a partir desta canalizar nova produção de conhecimento. Para o presente artigo, a consciência dessas diretrizes orientaria a requalificação e ressignificação de valores que, no caso, envolveriam o redimensionamento da Educação e Literatura por meio do reconhecimento das contribuições culturais nativas colonizadas, que se tornaram periféricas – no caso, africanas/afrodescendentes nas Américas.

mais retrocede em esforço presente para sistematizá-los. É preciso ouvir os pretos – todos os pretos –, principalmente os que não foram ouvidos ou não sabiam escrever; ler os pretos que não foram lidos ou que foram esquecidos e, assim, tornar possível o que aqui se reconhece como Pedagogia da Escuta. É preciso, também, considerar os que, ao longo do processo de formação das sociedades e literatura latino-americana, foram excluídos pela língua/linguagem, pela base da Cidade Letrada (Rama, 2020).

A ideia da Pedagogia da Escuta resulta da reflexão de dois aspectos do pensamento de Paulo Freire contidos nas obras *Pedagogia do Oprimido* (2005) e *Pedagogia da Autonomia* (2004). No primeiro livro, a partir do reconhecimento das tipologias pedagógicas da educação brasileira – bancária e problematizadora – identificam-se reflexões importantes para fundamentar bases de ajustes curriculares de natureza ético-metodológica. A primeira tipologia, bancária, estaria fundamentada no interesse e na manutenção de uma educação baseada na reprodutibilidade dos valores da cultura hegemônica de classes estabelecida pelos modelos tradicionais históricos e econômicos, que fundamentaria a relação entre opressores-oprimidos ao longo do processo de formação da sociedade brasileira. Outro aspecto, denominado libertador, que alicerça as bases da Pedagogia da Escuta, teria interesse na construção de uma sociedade isonômica com base na reflexão crítica da história que se desvincularia das bases que sustentam as tradições da primeira tipologia. Essa última teria compromisso com a ideia de liberdade, criticidade e consciência, tanto individual quanto coletiva. Na segunda obra, *Pedagogia da Autonomia* (2004), Paulo Freire apresenta ideias que se relacionam à consciência e responsabilidade docente na formação crítica e autonômica discente. O autor distancia-se da ideia da reprodutibilidade de políticas e modelos pré-concebidos e distantes da experiência real sem maiores questionamentos. A Educação na *Pedagogia da Autonomia* (2004) estaria distante da mera transferência de conteúdos e próxima da solidariedade e contextualização de ambientes culturalmente diversos. A autonomia estaria fundamentada na ideia da consciência de si, do outro e do aprimoramento do espaço de desenvolvimento e convivência. A Pedagogia da Escuta vincula-se ao interesse da educação libertadora e autonômica pela revisão dos valores coloniais que afetam o reconhecimento das contribuições africanas e afrodescendentes nas Américas e suas literaturas. É no ato de ouvir os pretos que se valida os valores que não se reconhecem como ética e educação e se efetiva a relação solidária e inclusiva, responsável e democrática, como acreditou Paulo Freire. É pelo reconhecimento do Outro que se observa a plenitude do Nós. É na percepção do potencial autonômico discente que se legitima a importância estrutural da docência ou do que se efetiva como ensino e/ou experiência literária.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Freire, 2005, p. 57).

Desse modo, seria estranho pensar uma historiografia da literatura latino-americana a partir da ausência das contribuições éticas e estéticas dos africanos e afrodescendentes – como se elas não existissem ou tivessem pouca relevância. Não reconhecer a importância dessas contribuições significaria minimizar legados que tornaram possíveis a história cultural, social e literária latino-americana. O destaque ao híbrido, ao sincrético e ao mestiço na articulação de projetos críticos e criativos que buscaram validar uma *intelligentsia* que respaldou o que poderia ser compreendido como uma espécie de “Humanismo Latino-Americano” ainda é, talvez, um dos esforços mais significativos para a consolidação de um pensamento crítico em sintonia com valores históricos e culturais genuínos. No entanto, é importante compreender os valores e a autonomia dos saberes africanos e afrodescendentes no escopo da percepção e do rigor dos estudos culturais e literários independentes e comprometidos com a autonomia crítica latino-americana. Seria contraditório afirmar um “Humanismo Latino-Americano” desprovido das suas várias Humanidades.

Observa-se, nos manuais de historiografia e crítica literária latino-americana, a predominância estrutural das humanidades *criollas*, e neles, eventualmente, reconhecem-se mínimas as contribuições dos povos africanos e afrodescendentes e, quando presentes, não se constata com o aprofundamento adequado. Quase sempre as análises crítico-estruturais das literaturas afrodescendentes partem de referências ocidentais que, desde a invenção do universalismo, vigoram absolutas, suficientes e inquestionáveis como reprodutibilidades inconsequentes. Apesar de eloquentes e capazes tanto de elucidar quanto de confundir os fundamentos retóricos e epistemológicos que estruturam os manuais em que estão ausentes, as contribuições africanas e afrodescendentes parecem não apresentar, para os especialistas, importância a ponto de justificar integração ao que se consagra como Historiografia e Crítica Literária. É instrutivo observar que muitos desses manuais, em que as referencialidades afrodescendentes encontram-se ausentes, foram responsáveis por educar alunos, professores, historiadores e críticos da literatura que, não por acaso, permanecem alheios ao reconhecimento dos valores afrodiáspóricos para os saberes humanísticos da América Latina.

### **Emergência da Pedagogia da *Cimarronaje***

Não é surpreendente perceber que, entre um número considerável de possíveis indícios capazes de explicar a dificuldade de (re)conhecimento das contribuições culturais africanas e afrodescendentes, a escrita assumiu destaque e elucidação. Explica-se: a escrita assumiu um papel decisivo ao mediar as relações metropolitanas e os espaços coloniais latino-americanos desde o século XV, marco da Modernidade no continente. A ocupação desses espaços pelos ordenamentos militares, religiosos e burocráticos viabilizou-se pela escrita e pelo que ela representou como poder. Dos equívocos das arbitrariedades presentes nas textualidades e nas ações dos navegadores, conquistadores e evangelizadores na América Latina às diretrizes legalistas dos burocratas *criollos*, que estruturaram o que o crítico literário uruguaio Angel Rama chamou *A Cidade Letrada* (Rama, 2015,), a escrita fixou éticas e estéticas outras usurpando o que antes se reconhecia autônomo e genuíno em *Abya Yala* (ver

Cordiviola, 2005, 2010, 2013). A permanência e evolução de um sistema de códigos e letramentos ocidentais que multiplicou a atuação de agenciamentos de valores pragmáticos e simbólicos nas colônias, com o auxílio de articulações políticas institucionalizadas, favoreceu a criação e a manutenção de paradigmas que se tornaram motivos educacionais em linguagens que até os dias de hoje atualizam-se e mantêm-se como marcos civilizatórios referenciais.

Esse empenho constitui um sistema independente, abstrato e racionalizado, que articula autonomamente seus componentes, abastecendo-se na tradição interna do signo, de preferência em suas fontes clássicas. Como uma rede, ajusta-se à realidade para outorgar-lhe significação: em momentos, se diria que até simples existência. [...] Tais elementos ordenam o mundo físico, normatizam a vida da comunidade e se opõem à fragmentação e ao particularismo de qualquer invenção sensível. É uma rede produzida pela inteligência raciocinante que, através da mecanicidade das leis, institui a ordem (Rama, 2015, p. 45).

Na prática, tratou-se de um *modus operandi* que estabeleceu bases para a subalternização e o controle de culturas distintas e a prevalência das Humanidades Metropolitanas, ou o que a historiadora da literatura mexicana Jean Franco (2009, p. 7) chamou de “Colonização do Imaginário”. É importante ressaltar que, antes do contexto colonial das Américas e África, havia a cultura das oralidades, originárias e africanas, que se articulavam a partir de outras éticas e valores, mobilizavam outros afetos e relações e vivenciavam pedagogias fundamentadas em outras cosmogonias e cosmovisões. As imagens, imaginações e imaginários que configuravam sentidos e existência nesse contexto eram possíveis a partir do desconhecimento da escrita. O conhecimento ancestral de *Abya Yala* e *Afrika* não era cartesiano, logocêntrico ou articulador de pretensões políticas universalistas.

É curioso e importante observar o quanto as bases de desenvolvimento da “Cidade Letrada” definiram as diretrizes do processo de formação das sociedades latino-americanas. Das impressões dos navegadores às arbitrariedades dos conquistadores, passando pelas impertinências da evangelização e da administração colonial, o pragmatismo na transferência e na estabilidade dos valores políticos e imaginários europeus foi instaurado e perpetuado pela escrita e firmou a construção de uma História outra no espaço que passou a ser chamado de “América”. Não foi possível que as culturas originárias contassem suas versões dessa História porque a validade da História e o acesso a ela requeriam o conhecimento duto em idiomas específicos e o domínio de escritas. Após quase cinco séculos, os povos originários e afrodescendentes, a partir de políticas públicas e de outras oportunidades solidárias de inclusão, aprenderam o idioma colonizador e adentraram a Cidade Letrada. Assim, passaram a ocupar e conduzir espaços políticos, formativos, editoriais, virtuais e afetivos, além de apresentar a versão de uma História que não havia sido contada. Se durante séculos não foi possível ouvir e reconhecer a pertinência das vozes originárias e afrodescendentes pela Cidade Letrada, nos tempos atuais o mundo é diferente. É possível não apenas ouvir e reconhecer a pertinência dessas vozes, mas dar a elas protagonismo para contar e propor a História e o Mundo de outra maneira. Daí a importância de rever os referenciais comuns de historiografias

diversas, inclusive a literária, cuja complexidade de relatos e narrativas também pode educar pelo desconhecimento, ignorância ou omissão, não apenas da relevância dos afrodescendentes originários e outros aqui não elencados. É preciso dar ao mundo a justa história de suas inteligências. O que se observa no campo das Letras, no que se oferece ao saber, ao espaço e à episteme é que o lugar privilegiado da escrita no contexto colonial latino-americano relaciona-se ao triunfo da política sobre a diferença de cosmogonias e cosmovisões e agora se apresenta importante saber o que pensa a diferença sobre a política que as afasta do mundo e das outras pessoas.

A questão sempre se apresentou complexa. Como contar a história das nações latino-americanas a partir da presença e/ou da ausência dos afrodescendentes? Saberiam os críticos e historiadores da literatura admitir não apenas a inclusão, mas também as devidas contribuições dos legados afrodiáspóricos nas Américas com a mesma responsabilidade a que fora dispensada aos legados *criollos*? Como se sabe, a escrita e seus arquivos, o mercado editorial, a curricularização da Educação e os interesses mais restritos das políticas públicas estiveram distantes, excetuando eventuais oportunismos, das manifestações culturais dos “outros” latino-americanos ao longo da História e, dessa forma, consolidaram relações hierárquicas e outros distanciamentos pela noção mínima, política e parcial de *intelligentsia* e civilidade, que consolidaram privilégios à casta dos letrados e indiferença aos que não eram considerados da mesma maneira. *Intelligentsia* e civilidade essas que desumanizaram a ideia de um mundo diverso em detrimento de um mundo cêntrico. Método que se apresentou fundacional nas “origens” da civilização latino-americana e permaneceu irredutível ao longo de seus dilemas, como se se envergonhasse das diferenças que nega e constitui.

Nação, conceito desconhecido ou obsoleto para os periféricos, realiza-se pela admissão e orgulho histórico de suas origens e pelo desenvolvimento civilizacional. E nação para os pretos? A pesquisadora e socióloga argentina Rita Segato, no texto *La Monocromía del Mito: o Donde Encontrar África en la Nación*, presente no livro *La Nación y Sus Otros: Raza, Etnicidad y Diversidad Religiosa en Tiempos de Política de la Identidad* (2007), questiona:

Onde a África pode ser encontrada na nação? Qual é o seu lugar na formação nacional? Como se processou o elemento africano na construção de cada sociedade nacional ao longo do tempo? Como as tradições africanas penetraram e percorreram a história? (Segato, 2007, p. 99)<sup>3</sup>.

No caso da América Latina, espaço diverso, o esforço para compreender a alteridade radicalmente estrutural como patrimônio histórico é o que a define, relega e paralisa em seus binômios fundacionais como origem e, ao que muitas vezes se sugere, destino. Negar as agruras do passado colonial em defesa da prevalência de valores e imaginários utópicos distantes, que tornaram o passado colonial também um presente (im)possível, significa afirmar uma condição que supõe a permanência dos racismos. A Historiografia Literária é uma

---

<sup>3</sup> Original: ¿Dónde puede ser encontrada África en la nación? ¿Cuál es su lugar en la formación nacional? ¿Como fue procesado el elemento africano en la construcción de cada sociedad nacional a lo largo del tiempo? ¿Cómo penetraron y construyeron las tradiciones africanas su camino en la historia?

oportunidade para se discutir o processo de formação das várias Literaturas em consonância com o processo de formação das sociedades a que pertencem. Ouvir, entender e visibilizar as diversas vozes literárias significa operacionalizar isonomia e Democracia e tornar possível uma Educação de qualidade comprometida e responsável com valores e direitos, de fato, humanos. Um movimento que sugere sensibilidades mais particulares do que universais para pensar a complexidade de problemas estruturais e, quiçá, a continuidades das Utopias agora redimensionadas por outras maneiras de pensar o mundo. Para que essa ideia torne-se possível, é preciso, também, que seja possível o desenvolvimento de uma Pedagogia da Escuta. Há muitas maneiras de compreender a América Latina como espaço e processo de desenvolvimento civilizacional. Entre as várias possibilidades, o reconhecimento dos saberes da afrodescendência, sem dúvida, é uma delas. No entanto, é necessária, também, a partir do pressuposto da indissociabilidade que relaciona a Literatura e Cultura, uma ideia que não se limite ao estético, mas que também compreenda o ético ao relevar tradições que fundamentam ações capazes de admitir outras formas de conceber o mundo e, dentre elas, a percepção de que há, inclusive, várias afrodescendências dentro do que compreendemos como Hispanismo – que, por sua vez, também se apresenta vários.

Em seu artigo *Liberdades Literárias: A Autoridade dos Autores Afrodescendentes*, a professora Doris Sommer (2018) afirma que os estudos literários afrodescendentes apresentam uma linha subestimada dentro do que se concebe como estético. Ainda, alega que os estudos literários tradicionais saíram de moda em razão de estarem vinculados a princípios formalistas relacionados a uma compreensão de literatura marcada etnicamente por uma ideologia conservadora que restringiu o entendimento disciplinar da Literatura a princípios fundamentados na Arte pela Arte. Segundo Sommer (2018), essa razão ajuda a compreender os motivos de os Estudos Culturais evitarem os círculos de elite, preferindo atuar nas esferas das culturas e artes populares e preterindo, assim, a Estética em detrimento da Etnografia, da Sociologia e da História. Segundo a professora e investigadora estadunidense, a perspectiva dos Estudos Culturais apresenta irreverência apreciada como função da Cultura Popular sem expandir as fronteiras artísticas (Sommer, 2018). Para Sommer (2018), isso privilegiou leituras temáticas – identificação de hierarquias sociais, continuidades de crença, de um legado persistente de desigualdade, discriminação racial e de gênero e exploração econômica – mais do que uma atenção às liberdades artísticas.

Todas essas abordagens são urgentes e bem-vindas para um campo em construção, mas a análise literária tem um valor adicional específico a oferecer, que é apresentar as manobras extraordinariamente complexas e sutis feitas por artistas afrodescendentes que transformam condições materiais e políticas intimidadoras no estofo de triunfos criativos. Essas vitórias deveriam contar para a reivindicação de território cultural conquistado, mesmo quando os próprios artistas se tornam mártires. Muito embora temas fundamentais (de herança africana, escravidão e suas sequelas na codificação de cor e nas identidades que se entretecem às tramas nacionais e transnacionais) fornecem alicerces compartilhados para que construções literárias e experiências históricas (junto com narrativas e interpretações compartilhadas que geram) preparem as condições para a escrita criativa, prefiro sublinhar a arte. Porque a arte é sempre nova e irreverente; esses são os efeitos que

a caracterizam. É o ato de escrever literatura que o fardo da experiência se transforma na ignição da criatividade. O trabalho dos escritores depende de arrebatar e desvirtuar uma medida de liberdade de modo a transformar o material existente em uma outra coisa. Escritores não aceitam simplesmente o mundo como ele é e foi; eles intervêm como um quê de novidade que abre estruturas de sentimento e pensamento. Artistas, nesse sentido, não são vítimas, mas sujeitos no sentido pleno de colaboradores do mundo enquanto obra em construção (Sommer, 2018, p. 380-381).

É preciso, no entanto, compreender que os estudos culturais e literários afrodescendentes na América Latina não se iniciam nem se encerram a partir do que define e restringe o que compreendemos como Literatura, como escrita, como “arte da palavra”. A expressividade africana/afrodescendente na América Latina segue sua dinâmica e evolução à revelia dos cânones ocidentais; não se apresenta a reboque do que reconhecemos como estética, ainda que se admita e reivindique a importância de ser/estar visibilizada na Historiografia Literária, porque se trata de um reconhecimento que também define o seu espaço por direito e responsabilidade. E mais: essa expressividade integra uma conjuntura dentro das humanidades latino-americanas que se apresentam importantes como conhecimento e Educação. No entanto, é importante saber que a expressividade africana/afrodescendente apresenta-se multimodal e a escrita sugere-se como uma das formas – ainda que recente – de sua expressividade, mas não a única. A Modernidade credenciou-se ao mundo com o trunfo da articulação e difusão da cultura escrita. A definição de Si e do Outro pelos modernos a partir das suas imagens e semelhanças na descoberta de Outros Mundos Possíveis contribuiu para a homogeneização política e cultural do mundo por valores que institucionalizamos e estabilizamos como universais, mas essa compreensão não pode ser absoluta. O fluxo de desenvolvimento civilizacional dos nativos africanos e *abyalenses* foi comprometido pela irrupção arbitrária e subversiva da escrita que, ao longo de quase 400 anos, silenciou os afrodescendentes. A retomada de valores e expressividade originais dos afrodescendentes é, portanto, necessária como reconstrução de patrimônios e memórias civilizacionais, e estes podem diferir do que já se estabelece como saberes éticos e estéticos. Por que não? Trata-se de um desafio ético na medida em que se observa o silenciamento de ancestralidades por condutas politicamente questionáveis que até os dias de hoje esvaziam, gradativamente, a noção do particular em detrimento de vias que uniformizam o entendimento do diverso. O professor e pesquisador da Unilab Denilson Lima Santos, no artigo *Notas para Pensar a Intelectualidade dos Autores Afro-Latinos: A Discursividade Iorubá e Banta de Abdias do Nascimento e Manuel Zapata Olivella* (2015, p. 116), afirma que:

[...] a *intelligentsia* da América Latina sempre foi um espaço de privilegiados, isto é, lugar dos homens brancos que priorizaram o pensamento eurocêntrico. Dessa maneira, não se permite nem aos negros e tampouco aos indígenas ocuparem um lugar de destaque nas sociedades latino-americanas. [...] Por essa razão não seria absurdo considerar as evidências da cultura banta e iorubana, que sempre estiveram presentes nas sociedades da América Latina, e são utilizadas nas diversas escritas dos homens e mulheres afrodescendentes e que, por essa razão, deveria constar



como provocação ou lembrança de haver uma episteme que se constituiria por direito e à revelia da arbitrariamente instituída como legítima.

Os traumas civilizacionais experienciados ao longo da História são importantes porque podem converter-se em marcos teóricos relevantes e contribuem para o amadurecimento de indivíduos e sociedades. Da mesma forma que reconstruir as humanidades após as grandes guerras e o holocausto foi importante para a Europa no século XX, pensar o trauma da colonização para a América Latina e a África seria igualmente importante. Quem, se não os latino-americanos e africanos, poderiam fazê-lo? Para o que se acredita e se define como Estudos Culturais Latino-Americanos, a ética não está desvinculada da estética. A consistência de uma experiência estética relaciona-se à consistência de uma experiência ética genuína que não deveria ser questionada por fundamentos e experiências políticas e distantes. As colônias tornaram-se franquias, simulacros de suas metrópoles, o que comprometeu o desenvolvimento da autonomia do pensamento crítico e artístico que deveria orientar a humanidade dos subalternizados na configuração de um pensamento crítico genuíno. Elaborar sensibilidades críticas, suas próprias epistemologias, visibilizá-las e integrá-las é importante para fundamentar autonomias de pensamento revisor e propositivo. Por essa razão, o lugar do afrodescendente, de fato, não pode ser o da vitimização. Os escritores, como afirma a pesquisadora Sommer (2018), possuem liberdades artísticas importantes e que não podem ser desperdiçadas porque assumem a superação do mundo. No entanto, é preciso que a consciência do artista não se vincule antes à adesão de valores que contribuem para uma compreensão absoluta e parcial de mundo cujos valores e tradições, em sua distinção, relativizam-se ou negam-se como História, distanciam-se de suas próprias origens e foram responsáveis pelo silenciamento de culturas alheias à escrita, mas nem por isso inferiores.

Há, na literatura afro-latino-americana, escritores que se ocupam tão somente do estético e alinham a representação de suas éticas ao que se define tão somente ao estético. Porém, há demandas de escritas que priorizam e alinham-se, prioritariamente, a vínculos éticos e ancestrais e descolam-se da estabilidade das relações catalográficas e enciclopédicas dos manuais críticos e historiográficos mais elitizados, ao mesmo tempo em que se apresentam próximos do que se compreende como Cultura Popular. No entanto, coincidência ou não, a Cultura Popular ainda permanece distante dos interesses elitizados das Letras. Uma lástima, porque nela encontram-se respostas e outras narrativas necessárias à compreensão das cosmogonias e das cosmovisões africanas e seus legados como linguagem. Ao invés de instituir previamente os parâmetros e critérios de adequação e reconhecimento de legitimidades culturais e literárias, pensar o que se poderia considerar uma Pedagogia da Escuta seria importante. Por que não ouvir os afrodescendentes em seus lugares de expressão? Por que não estudar suas cosmogonias e cosmovisões, e admiti-los segundo eles mesmos? Por que não ouvir os pretos e as pretas sobre como operam suas narrativas? Admitir outras formas de linguagem e de pensamento no intuito de elucidar estéticas ainda não compreendidas poderia ser um método responsável e generoso para as humanidades latino-americanas e afrodescendentes.

A América Latina, destacando-se o Brasil, talvez em virtude da proximidade com o

continente africano, tornou-se um dos espaços onde as tradições africanas encontram-se mais assentadas e ressignificadas em razão da resistência dos que se reconhecem como *cimarrones*. O *cimarrón* e sua prática, a *cimarronaje*, como fundamento de representação da intelectualidade afrodescendente na América Latina a partir de expressividades críticas e culturais através da Literatura, apresenta-se como importante representação conceitual do espaço e do sujeito afrodescendente. A palavra *cimarrón* é um termo hispânico que foi utilizado em parte da América Latina pelos senhores de escravos, oligarcas em tempos coloniais, para referirem-se aos escravizados que fugiam de suas propriedades. O termo referia-se não somente aos afrodescendentes nos espaços escravistas coloniais latino-americanos, mas também aos povos originários de *Abya Yala* escravizados e aos animais que, porventura, também escapavam das agruras da escravidão. Os *cimarrones*, em sua maioria, possuíam origem africana. Recorriam à fuga não apenas para tornarem-se livres, mas também para exercerem, em sua inteireza, os valores cosmogônicos que os definiam como indivíduos e comunidade.

### Considerações Finais

A partir da percepção subalterna relacionada aos humanos africanos, afrodescendentes e originários, observou-se que eles possuíam um patrimônio cultural que apenas poderia ser exercido a partir da liberdade ocasionada pela fuga. Desse modo, vislumbrou-se, aqui, a oportunidade de subverter a natureza do entendimento subalterno aplicado ao termo pejorativizado *cimarrón*. A compreensão articulada no presente estudo passou a ser fundamentada e empreendida nos *cimarrones* livres não porque fugiam, mas sobretudo porque também vivenciavam e reconheciam a importância de suas heranças culturais, pois, na oportunidade da fuga, puderam (re)significar e desenvolver, em liberdade, cosmogonias e cosmovisões, articulações de sabedorias ancestrais, que se desdobraram aos dias atuais como saberes definidores de existência. O *cimarrón*, portanto, apresenta-se como oportunidade de percepção e reconhecimento ao valorizar saberes ancestrais no intuito de dispensar mediações e tradutibilidades exógenas sobre seus valores e sua história. O *cimarrón* é a representação das tradições intelectuais da afrodescendência exercidas pela liberdade de representação de si como indivíduo e coletividade. É na valorização dos desdobramentos dessa liberdade, de fato, que se ocasionaram as contribuições culturais afrodescendentes, ainda que à revelia dos letramentos institucionalizados por uma Cidade Letrada, colonial, marcada pela distinção e pela hierarquização de valores políticos instaurados que segregavam e violentavam as diferenças culturais. Denominam-se, aqui, portanto, como *cimarronaje* as ações e práticas humanas afrodescendentes interessadas na autonomia, na liberdade e no reconhecimento de seus valores disseminados pelo que se reconhece como Pedagogias da *Cimarronaje* (Mendes, 2022). A ideia das Pedagogias da *Cimarronaje* concentra-se na maneira como se organizaram e difundiram os saberes afrodescendentes ao longo do processo de formação das sociedades latino-americanas.

Pode-se dizer que os *cimarrones* são responsáveis por viabilizar tradições africanas não

apenas em linguagens independentes, mas disponibilizá-las como outras dinâmicas culturais e percepções de mundo. De certa forma, os *cimarrones* transformaram os traumas e valores da experiência afrodiáspórica em marcos teóricos que contribuem para o enriquecimento de uma tradição de pensamento crítico que gerações anteriores de intelectuais importantes latino-americanos não foram capazes de observar com a devida relação. Os *cimarrones* apresentam-se como representantes de um legado de resistência que atravessa séculos por meio de seus descendentes. São indivíduos comuns, indistintos, que possuem maneiras próprias de articular religiosidade, História, Filosofia e Antropologia. Podem ser poetas, pesquisadores, professores, personagens de ficção, lendas, ialorixás/babalorixás, benzedeiros, curandeiros, enfim, quaisquer indivíduos que se propõem a manter vivo o assentamento de uma visão de mundo afrodescendente que se diferencia de normatizações políticas e culturais socialmente deflagradas à revelia dos próprios afrodescendentes.

Para concluir, há dois textos, distintos e complementares, que se apresentam importantes para (re)pensar a ideia de literatura e cultura *afro-latino-americanas*, como referências pedagógicas: *A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade* (1988), de Lélia Gonzalez, e *El Afrorrealismo: Una Nueva Dimensión de la Literatura Latinoamericana* (2006), de Quince Duncan. Em ambos, manifestam-se não apenas o engenho e o esforço de apresentar as razões e pertinências da visibilidade do *ethos* preto-civilizatório legítimo e “invisibilizado”, mas também as razões e a pertinência que a consciência da diversidade e da inteligência do outro pode nos tornar melhores. Tão ou mais importante que o intento de ambos é a articulação das bases pedagógicas que sustentam a estética que, durante séculos, desconheceu-se. Percepção que se baseia na reversão de descuido e injustiça que foram capazes de tornar as relações de mundo incongruentes.

## Referências

CORDIVIOLA, Alfredo. *Espectros da Geografia Colonial: Uma Topologia da Ocidentalização da América*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

CORDIVIOLA, Alfredo. *O Império dos Antagonismos: Escrita e Imagem no Ocaso da Dominação Espanhola na América*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

CORDIVIOLA, Alfredo. *Um Mundo Singular: Imaginação, Memória e Conflito na Literatura Hispano-Americana do Século XVI*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005.

DUNCAN, Quince. El Afrorrealismo: Una dimensión nueva de la literatura latinoamericana. *Istmo*, [S. l.], 25 jan. 2005. Disponível em: <http://istmo.denison.edu/n10/articulos/afrorealismo.html>. Acesso em: 19 out. 2023.

FRANCO, Jean. *Historia de la Literatura Hispanoamericana: A partir de la Independencia*. Trad. Carlos Pujol. Barcelona: Editorial Ariel, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

MENDES, Rogério. *Pedagogias da Cimarronaje: A Contribuição das Cosmogonias e Cosmovisões Africanas e Afrodescendentes para a Crítica Literária e Literatura Latino-Americana*. São Paulo: ABH, 2022.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Limiar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Cultura e Conocimiento en America Latina. *Anuario Maraiteguiano*, v. 9, n. 9, p. 113-121, 1997.

RAMA, Ángel. *A Cidade das Letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANTOS, Denilson Lima de. Notas para Pensar a Intelectualidade dos Autores Afro-Latinos: A Discursividade Iorubá e Banta de Abdias do Nascimento e Manuel Zapata de Olivella. *Meridional Revista Chilena de Estudios Latinoamericanos*, n. 4, p. 115-142, 2015.

SEGATO, Rita. *La Nación y Sus Otros: Raza, Etnicidad y Diversidad Religiosa en Tiempos de Políticas de la Identidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

SOMMER, Doris. Libertades Literarias: La Autoridad de los Autores Afrodescendientes. In: FUENTE, Alejandro de la; ANDREWS, George Reid. (Eds.). *Estudios Afrolatinoamericanos: una introducción*. Buenos Aires: CLACSO, 2018. p. 375-408.

Recebido em: 25/09/2023.

Aceito em: 10/12/2023.